

DO HAGANÁ À LA FAMILIA: CONFLITOS ÁRABES-ISRAELENSES E O FUTEBOL

Nemésio Xavier de França Neto¹
Andrew Patrick Traumann²

Resumo: O trabalho visa demonstrar e analisar que os confrontos Árabes-Israelenses tanto étnicos como religiosos também se refletem no futebol e na ideologia de seus clubes e torcidas. A importância e a relevância desse tema abrangem com o futebol, é a outra esfera do contexto de análise do Oriente Médio em si. Questões históricas, políticas e de identidade não serão deixadas de lado e serão introduzidas, complementadas e adicionadas ao artigo. O futebol é o esporte mais popular e mais passional possível existente. O futebol pode envolver as questões mais complexas existentes de uma sociedade que acaba ultrapassando as quatro linhas. Palavras-chave: Conflitos Árabes-Israelenses, Futebol, Oriente Médio.

Abstract: This article aims to demonstrate and analyze as the Arab-Israeli confrontation both ethnic and religious are also reflected in soccer and ideology of their clubs and supporters. The importance and relevance of this theme using the analysis through football, is the other Middle East analysis context itself. Historical, political and identity will not be left aside and will be introduced, complemented and added to the article. Soccer is the most popular and most passionate possible existing sport. Soccer can involve the existing complex issues of a society that ends up surpassing the four lines.

Key words: Arab-Israeli Confrontation, Soccer, Middle East.

1. Introdução

O tema abordado por este artigo é a visão das coalisões existentes no Oriente Médio, cujos conflitos envolvem política, religião e etnia onde serão apresentados e analisados utilizando o viés do futebol.

O futebol pode abranger questões muito complexas que transbordam as quatro linhas e torna-se muito mais que um jogo e muito mais que um esporte. O esporte foi capaz de deflagrar movimentos de libertação além de ser usado como instrumento para espelhar uma ideologia e até mesmo um viés opressor. Muitos clubes espelham classes sociais, ideologias políticas e chega atingir o âmbito religioso que torna o sentimento de torcer por um clube muito mais intenso do que qualquer outra coisa. (FOER, 2005). Sendo assim, através da apresentação de outros exemplos – países e outros clubes - de que o futebol envolve todas essas questões em sua esfera existencial, o artigo dará a sequência com a questão regional do Oriente Médio desde o Acordo Sykes-Picot e complementando com alguns outros pontos como o movimento sionista e a famosa Declaração de Balfour, outrossim estendendo para as

¹ Graduando em Relações Internacionais – Centro Universitário UniCuritiba – Curitiba / PR – nemesioneto@yahoo.com

² Orientador professor Doutor do curso de Relações Internacionais – Centro Universitário UniCuritiba – Curitiba / PR, Brasil. E-mail: andrewtraumann@hotmail.com

guerras que tornou o problema da partilha da Palestina e do conflito uma questão regional e assim, espelhando-se na esfera do futebol.

2. Exemplos de como o futebol envolve aspectos políticos

Para iniciar a análise de questões políticas, religiosas e étnicas no futebol do Oriente Médio, devem-se citar vários casos onde é nítida toda esta esfera apontada. Futebol, política, identidade estão muito ligados.

Inicialmente é interposto um conceito de identidade e o futebol:

Articulando-se com processos de construção identitária, sendo utilizado como instrumento político por pessoas, grupos e governos das mais diversas orientações ideológicas, contribuindo para alavancar a economia capitalista, servindo de elemento de *poder brando* no jogo diplomático de vários países, causando ou interrompendo guerras, visto como símbolo de resistência ou de alienação, o futebol é de fato muito mais do que um jogo. E é óbvio que um fenômeno social dessa amplitude não poderia passar sem despertar a atenção das diversas ciências sociais: História, Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Geografia, etc. (FREIXO, 2014, pg 16).

O primeiro caso que será analisado é o futebol no País Basco. Os Bascos sempre obtiveram uma característica muito forte de identidade se opondo a qualquer governo a fim de ter a sua própria autonomia. “Os Bascos jamais haviam sido conquistados ao longo de toda sua história. Os Romanos não os haviam submetido, mas conviviam lado a lado de forma respeitosa, todos os grandes reinos posteriores haviam usado os bascos como guerreiros e mercenários, sem, porém, terem efetivamente os controlado. Os bascos chegaram ainda a constituir um reino, o de Navarra, que foi por séculos um dos mais poderosos da península hispânica.” (GARCIA, 2012, pg. 33-34).

“(…) Sabino Arana, que funda o Partido Nacionalista Basco (PNV) no ano 1895, com um programa ideológico independentista e católico tradicionalista, e que considera o País Basco (Euskadi) uma nação diferente da Espanha, com base em critérios orgânico-historicistas: em primeiro lugar, a raça, para além da história, da língua e dos costumes.” (SEIXAS, 1995, pg. 503).

Sobre os Bascos e o Regime de Franco:

Durante o chamado Franquismo, a língua basca foi proibida, assim como manifestações culturais tornaram-se clandestinas e a ideia de uma nação basca foi constantemente suprimida. Buscava-se anular a identidade basca e substituí-la à força pela espanhola, movimento que mostrou-se ineficaz a longo prazo, e resultou em uma cruenta guerra de guerrilha entre o governo espanhol e a sociedade basca, organizada primeiramente em guerrilhas nas montanhas da região e posteriormente em torno da ETA (Euskadi Ta Askatasuna, ou Pátria Basca e Liberdade), grupo fundado em 1952. (GARCIA, 2012, pg. 35).

Sendo assim, quando falamos sobre o futebol e o nacionalismo no País Basco:

Desta forma, não é difícil perceber com o esporte em geral e o futebol em particular podem ser associados ao nacionalismo e ao processo de construção de identidades nacionais, tanto por meio da ação do Estado, quando da de grupos e organizações políticas que levantam tais bandeiras. Podemos citar como exemplos lapidares dessa

associação casos como os do Real Sociedad e do Athletic Bilbao, os principais clubes de futebol do país basco – região autônoma da Espanha com um forte movimento separatista – que por muito tempo adotaram (e ainda adotam) a prática da *Cantera*, ou seja, de só admitir em suas equipes jogadores nascidos na região. (FREIXO, 2014, pg. 22).

Vale ressaltar que desde 1989, o Real Sociedad “diminui” a questão desta prática, cujo começou a aceitar jogadores estrangeiros em seu time. Porém, jogadores nascidos em outras regiões da Espanha continuam proibidos de jogador no time. Já o Athletic Bilbao ainda mantém essa política e só aceita jogadores estrangeiros com uma condição: se estes tiverem uma descendência basca ou se passarem por um processo de educação na cultura basca. Neste ponto, é possível notar que o Athletic Bilbao tem maior identificação com o nacionalismo basco do que o rival regional – Real Sociedad - que é gozado pelos torcedores do Athletic Bilbao por terem o “Real” no nome e ser associado ao governo central espanhol. (FREIXO, 2014).

Levando esse ponto dos nacionalismos separatistas espanhóis, outro clássico que é importante ressaltar por serem considerados hoje em dia os maiores clubes do mundo - mas que as raízes da rivalidade ligada aos conflitos ideológicos e sociais- estão perdidas em decorrência do futebol moderno e a universalização dos dois clubes, é o famoso “*Él Clásico*”: Real Madrid x Barcelona.

Historicamente se formos resgatar desde a fundação de Real Madrid e Barcelona, as questões externas influenciavam muito os clubes. Por exemplo, a Catalunha, na medida que avançava economicamente, era submetida à dominação política da Espanha que era concentrado em Madrid que consistia em vários proprietários de terras castelhanos. As ideias do Governo Central em Madrid entravam em conflito com os capitalistas de Barcelona. Além disso, os nacionalistas burgueses de Barcelona se ressentiam com o fato dos castelhanos usarem o governo para impor a cultura e a língua “espanholas”. Outrossim, os catalães externavam suas raivas que sentiam dessas medidas estereotipando os castelhanos e suas capital. (FOER, 2005.)

No contexto fascista e monarquista do poder central, a opção socialista e republicana da maioria dos catalães deu aos encontros entre Real Madrid e Barcelona significado que extrapolava muito a esfera esportiva (JÚNIOR, 2007, pg. 104).

Para entender mais essas divergências políticas e regionais no clássico entre Real Madrid e Barcelona, é importante ressaltar:

Terminada a longa e sangrenta guerra civil espanhola (1936-9, quase 1 milhão de mortos), o ditador Francisco Franco tentou impor a todos os setores da vida nacional uniformidade que superasse a profunda divisão dos anos anteriores. Proibiu-se, por exemplo, o ensino e mesmo o uso público das línguas regionais para defender o castelhano, idioma oficial e tornado sinônimo de “espanhol” (enquanto a rigor existem vários falares espanhóis, como catalão, basco, galego, asturiano). Alguns

clubes tiveram que castelhanizar seu nome, por exemplo passando de Athletic (de Bilbao e de Madrid) a Atlético. Ora, o separatismo anticastelhano e antifranquista vinha sobre tudo de bascos e catalães, exatamente aqueles dominavam o futebol espanhol. (JÚNIOR, 2007, pgs. 103-104).

Nessa tangente, “O Fútbol Club Barcelona, tradicionalmente identificado com o nacionalismo catalão e com a resistência e à opressão de Castela, de forma análoga aos clubes do País Basco.” (FREIXO, 2014, pg. 22-23).

Para Júnior, (2007, pg. 104) “O Barcelona, sobretudo, tornou-se o maior símbolo antifranquista. O escudo do clube traz as cores da bandeira da Catalunha e de certa forma é outra bandeira da comunidade.”

“Nesta região, o nacionalismo nasceu na década de oitenta do século XIX, em resposta a Castela que era vista com a mais importante dentre todas as regiões espanholas, entretanto era atrasada e apontada como um obstáculo ao crescimento da região catalã. Neste contexto, a Catalunha era definida como nação, em função de seu passado histórico e por conta de seu idioma próprio.” (CHAGAS, 2014, pg. 757).

Mais especificamente, sobre o nacionalismo catalão e a questão da língua e cultura:

O nacionalismo catalão, ao longo de seus últimos cem anos, articulou no nível discursivo tanto o aspecto lingüístico-cultural como o cívico-político em sua definição da nação. Isto é, em grande parte de sua trajetória histórica o discurso catalanista acentuou os elementos culturais e lingüísticos constitutivos de sua identidade “nacional”, mas, igualmente, ressaltou a vontade política como fator substancial da nação e da construção de um novo modelo de estado democrático. Por tanto, assim como um centauro, - que o imaginário formou a partir de duas criaturas que se complementam -, a nação política e a cultural catalã não pode ser compreendida por separado. (ABRÃO, 2011, pg. 6).

Ainda sobre a questão da globalização do Barcelona e a sua origem ideológica catalã forte, segundo Freixo, (2014, pg. 23):

No entanto, de forma distinta desses, o Barcelona transcendeu as fronteiras da Catalunha e da Espanha e se tornou um dos gigantes do futebol mundial e um dos clubes mais populares do mundo, com torcedores espalhados por todo o planeta. Porém, mesmo sendo um dos ícones do futebol globalizado, o Barça – com o é conhecido por seus torcedores – mantém uma forte identificação com sua região de origem, o que se traduz por meio de gestos e atos simbólicos, como, por exemplo, a braçadeira de capitão do time habitualmente reproduzir a bandeira da Catalunha.

Quando se entra a questão do Real Madrid e Franco – além de ser um time de Madrid - , é muito mais que isso, pois entra o lado de torcedor do ditador.

O Generalíssimo acompanhava obsessivamente o esporte e, de modo mais específico, o rival do Barça, o Real Madrid. (FOER, 2005, pg. 176).

Ainda sobre o sentimento do ditador sobre o clube:

O ditador Franco era capaz de citar de cabeça times clássicos do Real Madrid de décadas anteriores e mandava anunciar que descansava em seu palácio acompanhando o jogo da semana pela televisão. (Não por coincidência, a TV estatal reservava ao Real Madrid, em suas transmissões semanais, um espaço muito maior que o de qualquer outro time). (...) Franco levou sua vingança pessoal contra o Barça às últimas consequências. Manuel Vasquez Montalbán escreveu: “As tropas de

ocupação de Franco entraram na cidade. A quarta organização a ser expurgada, depois de comunistas, anarquistas e separatistas, era o Barcelona Football Club (FOER, 2005, pg. 176).

Franco consegue colocar sua raiva ao rival Barcelona de uma maneira precisava e devastadora. No começo da Guerra Civil Espanhola, o presidente esquerdista do Barcelona foi assassinado por franquistas e a sede social do clube foi destruída através de um bombardeio. (JÚNIOR, 2007).

Além de tudo: “o regime insistiu em mudar o nome de “Football Club Barcelona” para “Club de Football Barcelona” – não apenas uma particularidade estética, mas a tradução desse nome para o Castelhana. Também insistiu em excluir a bandeira catalã do escudo do time.” (FOER, 2005, pg. 177).

Sendo assim, como o Governo Central não ocultava sua preferência pelo Real Madrid e o Barcelona se estabeleceu como o clube do regime antifranquista, nos anos da ditadura de Franco a rivalidade entre Real Madrid e Barcelona se acentuou marcadamente, estabelecendo-se a mística do maior clássico do futebol da Espanha. (FREIXO, 2014).

Obviamente que podemos perceber muito bem hoje em dia que a antiga ligação do Real Madrid com Francisco Franco foi praticamente quase esquecida. Desde a sua fundação o Barcelona ainda mantém sua ideologia fazendo muita referência à Catalunha, mas ela está um pouco mais fria e acabou se tornando apenas “diferente”. Alguns lugares do mundo ainda mantêm muito forte e concentrado divergências políticas, sociais que acaba sendo muito ortodoxa quando envolve o futebol.

Se em toda a questão humana existe algo relacionado a uma representação da sociedade por ela mesma, talvez a mais completa seja o futebol. Na Escócia por exemplo, quando você escolhe um clube para torcer seja por vontade própria ou por influência da família, é muito ligado a uma ideologia. Todo torcedor de futebol é ligado ou pertence a uma questão social: em Glasgow, os católicos torcem pelo Celtic e os protestantes pelo Rangers. (JÚNIOR, 2007).

Ainda conforme aponta Júnior, (2007, pg. 222):

O Glasgow Rangers, fundado em 1872 por protestantes e unionistas (favoráveis ao Reino Unido, à manutenção da união política com a Inglaterra), tem as mesmas cores – branca, azul e vermelha – da bandeira inglesa. Sectário, o clube não aceitava católicos mesmo como o simples empregados. Quando 117 anos depois da fundação do clube pela primeira vez foi contratado, em 1989, um jogador católico (Mo Johnston), torcedores inconformados colocaram uma coroa fúnebre no estádio, discordando da decisão dos dirigentes. Um técnico católico foi contratado pela primeira vez em 2006. O sectarismo da sua torcida é tão grande que mesmo uma revista inglesa dedicou-lhe extensa matéria, com o título “Por que odiamos todos os Ranges” (*Total Football*, novembro/1995).

Sobre a fundação do Celtic os parâmetros do nascimento do clube são iguais: “O Celtic Glasgow surgiu em 1888 por iniciativa de católicos, associou-se ao processo de autonomia irlandesa, adotou o verde e o trevo emblemáticos da Irlanda. Seu fundador foi o arcebispo local, e o jornal católica da cidade assinalou “exames de padres” assistindo às primeiras partidas do clube (*Glasgow Observer*, 2/6/1888).” (JÚNIOR, 2007, pg. 223).

“A disputa histórica entre católicos (republicanos) e protestantes (unionistas), na Irlanda do Norte, é uma das mais longas e violentas do século passado.” (GOMIDE, 2010, pg. 12).

Localizada no Oeste da Europa, a República da Irlanda é em toda a sua maioria católica, que deixou em 1949 de fazer parte da Comunidade Britânica. A Ulster – como é chamada a Irlanda do Norte – ocupa 25% da Ilha da Irlanda, que permanece sobre domínio Britânico. (OLIVEIRA, 2010). O conflito religioso é questão que dura na região há anos. O time e a torcida dos Rangers faz referência à Inglaterra e ao protestantismo em todas as partidas, assim como em contra ponto, a torcida do Celtics também é enraizada essa questão da identidade católica. É possível notar que os conflitos existentes entre Católicos e Protestantes influenciam todos os países na região e sucessivamente, os times e torcidas de futebol também.

Por isso, o clássico *The Old Firm* (Velha Firma) é onde mais se aflora todos esses tópicos. Essa rivalidade gera histórias de horror como empregos negados ou por torcedores assassinados por usarem o uniforme errado nos bairros errados. Poucos outros clubes da Europa trazem consigo alguma identidade. Como são por exemplo os casos de grandes clubes da Europa como Bayern de Munique, Áustria de Viena e o AS Roma que têm sido hostilizados pelo fato de serem considerados “clube de judeus”. A maioria dos casos é porque os torcedores eram burgueses judaicos na era da pré-Primeira Guerra Mundial. Só um clube do mundo pode superar o Tottenham em matéria de ser o clube dos judeus: O Ajax da Holanda. O clube decora o seu estádio com bandeira de Israel onde as quais podem ser compradas no lado de fora do Estádio em dia de jogo. (FOER, 2005).

3. Contexto histórico do Oriente Médio

De início é interessante abordar toda a questão política que avia por trás da instalação de um Estado Judeu no Oriente Médio que deixou o clima instável em toda a região, além da movimentação das grandes potências para que isso que obtivesse forma.

Primeiramente é interessante citar o movimento sionista – movimento nacionalista judeu - que visava realizar o estabelecimento desse Estado Judeu (Estado de Israel) em

resposta a todas as perseguições sofridas aos judeus em todos os lugares no decorrer da história. O termo “sionista” surgiu em 1885 por Nathan Birnbaum, mas o movimento teve o seu maior ativista Theodor Herzl, autor do livro “*Der Judenstaat*”. O grande estopim para a revolta de Herzl foi o “Caso Dreyfus” ocorrido na França. O oficial do exército francês Alfred Dreyfus foi acusado de traição com provas escassas e inexistentes aonde mais tarde a fraude veio à tona, ficando comprovado que o oficial foi acusado justamente pelo fato de judeu, vítima da onda antissemita que encobria a Europa. (SHLAIM, 2004).

Mostra Lissovsky, (2009, pg.54):

Em janeiro de 1895, conforme vimos, deu-se a degradação pública do capitão Alfred Dreyfus. Sobre isso, assim se expressou Herzl: “O caso Dreyfus é mais do que um erro judiciário; ele engloba o desejo de grande maioria dos franceses de condenar um judeu, e através desse judeu todos os judeus. “Morte aos judeus! Urrava a multidão enquanto os galões erram arrancados da túnica do capitão...(...) O povo francês, ou pelo menos a maior parte do povo francês não quer estender os direitos do homem aos judeus... Até então quase todos nós acreditávamos que a solução da questão judaica deveria ser pacientemente aguardada como parte do progresso geral da humanidade. Mas quando um povo que sob todos os outros aspectos é tão progressista e tão altamente civilizado pode ter tal procedimento, o que devemos esperar de outros povos que ainda nem mesmo atingiram um nível que a França atingiu cem anos atrás?”

Conforme Lissovsky (2009, pg. 61):

Quer os judeus queiram ou não, continua Herzl, eles são e serão sempre um grupo histórico, com características inconfundíveis comuns a todos seus membros: Somos um só povo – nossos inimigos o fizeram sem nosso consentimento, como com frequência ocorre na história. A aflição nos liga uns aos outros, e assim unidos subitamente descobrimos nossa força. Sim, somos suficientemente fortes para formar um Estado, e mesmo um Estado-modelo. Possuímos para isso todos os recursos humanos e materiais necessários.

O movimento sionista foi um dos principais responsáveis pelo estabelecimento do Estado Judeu na Palestina. Para entender melhor como que esse fato foi concluído devemos falar de outros pontos fundamentais do contexto.

O “ouro negro” de nossa civilização, o petróleo, tornou-se um dos maiores interesses de todas as nações desde o início da Primeira Guerra Mundial. Os britânicos, por exemplo, sem o petróleo, não poderiam usar a frota que movimentava a esquadra do Império, nem os tanques, que no decorrer de toda a guerra assumiu o papel de uma das armas mais mortais e importantes para a vitória na Europa. O conflito em seu último ano, o petróleo permitiu a ampliação do uso da força aérea. (FELDBERG, 2008).

“Além disso, os britânicos não eram os únicos a cobiçar o petróleo do Oriente Médio – tinham de disputa-lo inclusive com os aliados franceses”. (FELDBERG, 2008, pg. 183).

O controle do daquela região já era muito discutida sobre Grã-Bretanha e Rússia, pois ambos olhavam a Pérsia como peça-chave de disputa na Ásia Central. Os britânicos queriam continuar garantindo seu controle sobre a Índia e os russos ter um acesso ao oceano Índico e ao Golfo Pérsico. Nessa época o petróleo já vinha sendo explorado no sudeste da Ásia, nos

EUA e na região de Baku na Rússia, mas o do Oriente Médio era o mais cobiçado. Os territórios do Império Otomano haviam se tornado desde o início do Século XX foco das atenções das grandes potências europeias que passaram a disputar um certo tipo de influência no Oriente Médio. Ainda nas vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a fragmentação do Império Otomano já era antecipada e as potências europeias já se apoiavam para apropriar-se. Sendo assim, a Primeira Guerra Mundial inicia-se em 1914 em Agosto com a invasão da Bélgica por parte da Alemanha. A Turquia entra na guerra no começo de novembro. No sudeste da Arábia, os turcos avançaram até as portas de Áden, onde ficaram até o final da guerra. Apesar da corrupção e incompetência notórias na administração turca da época, haviam obtidos resultados positivos contra o Império Britânico. Em 1916 a Revolta Árabe começou feita pelos príncipes hachemitas do Hejaz (território que hoje corresponde ao noroeste da Arábia Saudita), onde, nesse contexto entra em cena o T. E. Lawrence que era departamento árabe do quartel-general inglês no Egito, enviado pelos ingleses para contatar os líderes da rebelião. Logo ficou claro que eles não seriam capazes de enfrentar os turcos numa guerra convencional. Em julho de 1917 forças lideradas por Lawrence o ponto estratégico do porto de Aqaba no mar Vermelho foi capturado, onde permitiu o Faiçal (filho mais novo do xerife Hussein, soberano do Hajaz) instalar seu quartel-general, colocando-se sob as ordens do general Allenby, que passara a comandar as forças britânicas na Palestina. No âmbito político, a destruição do exército turco liberaria um enorme número de oficiais e milhares de soldados árabes. Assim, ao longo de várias batalhas travadas entre turcos e britânicos com colaboração dos árabes liderados por Lawrence obrigou os turcos a comprometerem mais de 150 mil soldados, diminuindo sensivelmente sua capacidade de enfrentar as tropas de Allenby que avançaram até Damasco, levando a submissão turca em outubro de 1918. (FELDBERG, 2008).

De acordo com Feldberg, (2008, pg. 191):

Com a rendição turca, 90% de seus territórios asiáticos ficaram sob domínio britânico, do rio Nilo até o rio Eufrates. Apesar de formalmente destinados aos Aliados, na prática eram os britânicos os únicos capazes de controlá-los através de suas tropas presentes na região. E, assim como os soviéticos controlaram a Europa Oriental ocupada após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os britânicos se tornariam senhores do Oriente Médio com o fim da Primeira Guerra. Os franceses só tinham forças suficientes para controlar o norte da Síria, onde sempre haviam mantido sua influência, e a Rússia pós-revolução estava eliminada como rival estratégico de curto prazo.

Após a queda do Império Otomano, a questão da partilha do Oriente Médio foi discutida:

O acordo anglo-francês, denominado Acordo Sykes-Picot, que leva o nome dos negociados envolvidos na sua formulação, tem sua origem nos objetivos da política externa britânica, catalisada pela guerra e pela expectativa de desmembramento do Império Otomano. Os franceses, aliados menores dos britânicos na empreitada

contra os turcos, tinham seus próprios objetivos a conquistar na região. (FELDBERG, 2008, pg. 191).

De acordo com Lissovsky, (2009, pgs. 123 e 124):

Enquanto isso, França e Inglaterra estavam em negociações para delimitar as respectivas esferas de influência no Oriente Médio. As negociações foram conduzidas por Sir Mark Sykes, membro do Parlamento e especialista em questões de Oriente Médio (nessa qualidade prestando serviços ao governo inglês), e Charles François Georges-Picot, do Ministério do Exterior da França (e ex-cônsul-geral francês em Beirute). Após alguns meses de conversações, chegou-se a um acordo (assinado a 16 de maio de 1916 e posteriormente aprovado pelo governo czarista) conhecido pela denominação de Acordo Sykes-Picot. Estabelecia o seguinte: França ficaria com a região costeira da Síria ao norte de Haifa, e outros territórios da Ásia Menor; a Grã-Bretanha teria a parte sul da Mesopotâmia e os postos palestinos de Acre e Haifa (por onde, contudo, as mercadorias francesas teriam trânsito livre); os ingleses construíram uma ferrovia Haifa-Bagdá; a zona compreendida entre os territórios franceses e britânicos formariam uma confederação de Estados Árabes ou um Estado Árabe independente (dividida, porém, em duas zonas de influência – uma britânica, outra francesa). No que se referia expressamente à Palestina, estipulava-se que “a fim de proteger os interesses religiosos das potências da Entente” seria aquele país “separado do território turco e submetido a um regime especial a ser determinado por acordo entre aliados e representantes do xarife de Meca”. Representa tal acordo uma tentativa de conciliação entre as aspirações francesas e as promessas feitas a Hussein (as aspirações sionistas, vê-se logo, não eram então tomadas em consideração). A princípio mantido secreto, acabaria por ser posto de lado, principalmente devido à entrada dos Estados Unidos na guerra.

A partilha do Oriente Médio entre Inglaterra e França efervesceu e criou algumas divergências entre acordos nos bastidores realizados para favorecerem suas vitórias durante a Primeira Guerra Mundial. Um desses tratos que devemos citar é a Cartas “McMahon”. Aponta Feldberg, (2008, pg. 192):

Os britânicos, preocupados com a integridade do Canal de Suez, preferiram oferecer aos árabes autonomia sob a proteção da potência colonial, no sistema que se consolidaria através dos mandados estabelecidos posteriormente pela Liga das Nações. Mas nunca deixaram claras suas intenções, optando pela ambiguidade que caracterizou a correspondências entre as partes.

Ainda sobre as “Cartas McMahon” conforme aponta Lissovsky, (2009, pg. 122):

Com data de 14 de julho de 1915, o xerife de Meca, Hussein (cujo apoio ativo os ingleses estavam ansiosos por conseguir), enviou a Sir Henry McMahon, alto-comissário britânico no Egito, uma carta expondo as condições sob as quais se dispunha a colaborar com a Grã-Bretanha contra a Turquia: reconhecimento da independência dos “países árabes” no quadrilátero formado pela Síria (Palestina inclusive), Iraque e toda a Península Arábica com exceção de Aden; estabelecimento de uma aliança defensiva entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos árabes soberanos; atribuição do califado ao próprio Hussein. Resposta de Sir Henry McMahon (30 de agosto): concordância quanto à independência dos países árabes e o califado, mas qualquer fixação de fronteiras era prematura. Hussein insiste – envia outra carta (9 de setembro), renovando todas as suas exigências anteriores. Respondeu McMahon a 24 de outubro: a Grã-Bretanha dispunha-se a reconhecer e apoiar a independência dos países árabes apenas no que se dizia respeito àquelas “partes nas quais se achava com liberdade de agir sem prejuízo para os interesses da França, sua aliada”. E mais – que “os distritos de Mersina e Alexandretta e as partes da Síria a oeste dos distritos de Damasco, Homs, Hama e Alepo não podem ser

consideradas como exclusivamente árabes, devendo por isso ser excluídas dos limites propostos”. A troca de correspondências prosseguiu, e a de 25 de janeiro de 1916 McMahon, já um tanto impaciente, advertia Hussein de que não deveria esperar mudanças de atitude do governo inglês quanto à parte costeira da Síria. A 18 de fevereiro, finalmente, Hussein aceitava as condições britânicas.

Sendo assim, as divergências entre a possibilidade do surgimento do Estado Árabe é colocada em cheque com o surgimento do Estado Judeu após a fragmentação do Império Otomano:

A liderança do Hejaz, temerosa da influência que poderia exercer o governo turco resultante da revolução de 1908, demonstrou-se receptiva aos interesses britânicos na região e à possibilidade de uma rebelião contra os turcos. A implementação de uma política britânica para a região, visando o apoio na luta contra os turcos, geraria interpretações equivocadas que afetariam as populações envolvidas, até os dias de hoje. Assim como as lideranças árabes da Palestina, da Síria e da Mesopotâmia entenderam que os britânicos falavam de sua independência após a derrota turca, também a liderança do movimento sionista interpretou a criação de um “lar nacional judaico” como a promessa de um Estado judeu na região. (FELDBERG, 2008, pgs. 191 e 192).

No Acordo Sykes-Picot, a região costeira da Palestina destinada ao controle internacional, era mantido como foco das discussões entre as grandes potências estrangeiras e os povos locais. Óbvio que em primeiro ponto era apontado na esfera estratégica do acesso ao Canal de Suez e do novo Porto de Haifa. Mas questão religiosa não pode ser esquecida - a região é muito disputada entre judeus, muçulmanos e cristãos – de Jerusalém e dos lugares considerados sagrados existentes no território, assim como o envolvimento de vários atores britânicos com a questão do “retorno a Sion” que concordavam com a ideia de permitir o retorno do povo judeu à terra de seus antepassados. (FELDBERG, 2008).

Tal ideologia foi crucial para o avanço da massa de imigração judaica para o Mandato Britânico da Palestina, fator que ganhou muita força após a Declaração de Balfour vir à tona, onde era considerada obrigação do governo britânico a finalmente estabelecer um “lar judeu” na Palestina”. (CHEMERIS, 2002).

Aponta Feldberg, (2008, pg. 196):

Em um primeiro momento tampouco houve uma reação negativa por parte da liderança árabe à presença de judeus imigrados na Palestina. A expectativa gerada pela correspondência entre McMahon e o xerife Hussein permitia aos árabes aceitar a presença e o aumento da imigração judaica na área, que representava menos de 1% dos territórios liberados dos turcos.

A combinação do comprometimento de líderes como Lloyd George, o marechal Allenby, o próprio Mark Sykes e o ministro de Relações Exteriores, lorde Arthur J. Balfour, e do avanço das tropas britânicas em direção aos “lugares sagrados” da Palestina gerou as condições para a proposta de criação de um “Lar Nacional Judaico” na Palestina. Esta se materializou na que veio a ser conhecida como “Declaração Balfour”, publicada em novembro de 1917, na forma de uma carta enviada por lord Balfour a lorde Rothschild, uma das mais proeminentes figuras da comunidade judaica inglesa, prometendo o empenho da Grã-Bretanha nesse sentido.

Posto a Declaração de Balfour e como já foi dito antes, “a área da Palestina a oeste do rio Jordão, com seus locais sagrados, foi mantida à parte, até ser designada para a imigração judaica”. (FELDBERG, 2008, pg. 197).

Os problemas começaram a surgir com a frustração de algumas lideranças árabes de estabelecer-se em Damasco e na península Árábica. Onde a partir desse momento os líderes passaram a apontar os compromissos assumidos com eles e com os sionistas pelas grandes potências como conflitantes, utilizando como base a Correspondência de McMahon. A Declaração de Balfour quando foi anunciada ela tinha o teor de dar ao mundo a justificativa moral à tomada da Terra Santa pelos britânicos e que passará a ser questionada apenas duas décadas depois. (FELDBERG, 2008).

De acordo com Feldberg, (2008, pg. 197) e sobre as divergências entre árabes e judeus:

O destino da região seria resolvido na Conferência de Paz de Paris, em 1919, e durante o período do Mandato (que terminaria com a retirada de britânicos e de franceses após a Segunda Guerra Mundial). Na Conferência de Paz de Paris seriam estabelecidas as condições para a criação dos mandatos que, amparados pela Liga das Nações, permitiriam à França e à Grã-Bretanha governar o Oriente Médio pelas décadas seguintes. Em um primeiro momento, houve uma acomodação entre os interesses árabes e judaicos: os sionistas criariam o seu “Lar Nacional” na Palestina e os árabes controlariam a Síria e a península Árábica com as cidades sagradas de Meca e Medina. E os britânicos teriam acesso garantido ao petróleo do Golfo Pérsico.

O encontro entre o emir Faisal, o emissário árabe à conferência, e Haim Weizmann, líder do movimento sionista, gerou um documento contemplando a imigração judaica em larga escala para a Palestina e seu engajamento na colonização e no cultivo do solo, promovendo o desenvolvimento econômico da região e deus habitantes. Mas a cooperação estava sujeita ao cumprimento, por parte da Grã-Bretanha, do compromisso com a independência árabe que, como sabemos não se concretizaria.

Com a instalação do Estado – artificial e arbitrária (Lissofsky, 2009) – as tensões entre árabes e judeus pioraram. Como iremos em seguida abordar o futebol no Oriente Médio, é válidos apontar um episódio de confronto onde “alguns meninos judeus jogavam futebol quando em dado momento a bola caiu numa plantação de tomates pertencente a um árabe; um dos garotos foi buscar a bola, mas entrando em discussão com o árabe, foi por este apunhalado.” (LISSOVSKY, 2009, pg. 184).

A instalação forçada do Estado Judeu na Península Árábica deu vários parâmetros para outros acontecimentos desse tipo acontecesse nos anos seguintes até os conflitos árabes-israelenses. Primeiramente a resistência dos Palestinos foi contemplada por uma forte aliança entre os Países Árabes. Em segundo que a partilha da Palestina proposta pela ONU descontentava tanto os judeus como os árabes, onde o ponto crucial era o fato dessa região não existir um estado árabe e estar tão ligado ao Ocidente, ligado totalmente as suas pretensões expansionistas. Outro ponto ela pelo interesse do Egito em relação a Faixa de Gaza

e a Jordânia em relação à Cisjordânia. Os Palestinos bradavam a questão da autodeterminação dos povos, que é o primeiro e um dos mais importantes pontos abordados pela Carta da ONU, impugnada em 1945. Os dois lados rejeitaram os acordo de Partilha da Palestina proposta pela própria ONU, quando em sessão foi decidido a criação do Estado 1947 onde um ano depois – 1948 – foi declarada a independência de Israel na retirada das tropas britânicas com o fim do Mandato. Com a independência de Israel, uma liga de países árabes (Líbano, Jordânia, Síria, Iraque e Egito) declarou guerra a Israel, onde lutou o Haganah, organização paramilitar que em hebraico se significa “defesa”. O grupo tinha por objetivo defender os interesses do movimento sionista durante o Mandato, principalmente quando estava acontecendo às revoltas árabes na região, tanto que mais tarde o Estado de Israel já formado, transformou o Haganah no exército do próprio Estado de Israel. O confronto ficou conhecido como Guerra da Independência por Israel mas para os palestinos o episódio ficou conhecido como Al Nakba (O Desastre) visto em que os palestinos perderam mais territórios para Israel, levando muitos desses palestinos começarem a se espalhar pelo Oriente Médio, refugiando-se. Ainda, todas essas medidas tomadas resultaram nas Guerras dos Seis Dias (1967), Guerra do Desgaste (1970) e a Guerra do Yom Kippur (1973). (SCALERCIO, 2003).

4. Futebol em Israel

Para podermos apontar os principais clubes e torcidas do futebol de Israel, primeiramente será abordado um breve histórico do futebol em Israel.

“As primeiras associações de esportes foram estabelecidas em Israel no final do Império Otomano no início do século XX.” (GALILY; KAUFMAN, 2008, pg. 81, tradução minha).³

“O primeiro relato escrito de um jogo de futebol em Israel foi publicado no Jornal “Hacherut” em 14 de abril de 1912. A notícia refere-se aos Jogos de Rehovot - o principal evento esportivo daquele tempo que foi realizado anualmente na Pessach. O relatório afirmou, “que os Jogos Rehovot incluíram exercícios de ginástica e vários jogos como o futebol.”⁴ (GALILY; KAUFMAN, 2008, pg. 82, tradução minha).

No período supracitado, os jogos institucionalizados por ligas não existiam. A maioria dos jogos eram jogados em campos improvisados e o transporte existente na época não

³ “The first gymnastics and sports associations were established in Israel at the end of the Ottoman period at the beginning of the twentieth century.” (GALILY; KAUFMAN, 2008, pg.81).

⁴ “The first written account of a football game in Eretz Israel was published in Hacherut newspaper on 14 April 1912. The news refers to the Rehovot Games – the main sporting event of that time which was held annually at Passover.⁵ The report stated, inter alia, ‘that the Rehovot Games included gymnastics exercises and various games such as football’”. (GALILY; KAUFMAN, 2008, pg. 82).

permitia grande mobilidade, limitando a realização de uma liga, pois para as equipes geograficamente distantes competirem era muito difícil. O primeiro clube judeu fundado na região em 1906 – existente até hoje – foi o Maccabi Tel Aviv. Relatos da época apontam que já existiam competições entre árabes e judeus, onde equipes compostas de estudantes árabes que estudavam no American College em Beirute que jogavam durante as férias, geralmente contra o Maccabi Tel Aviv ou contra uma equipe mista composta por estudantes do Maccabi Tel Aviv e o Gymnasia Herzlia⁵, um colégio histórico fundado em 1906 em Tel Aviv e existente até hoje também. Mesmo sobre as difíceis condições prevalecentes durante a Primeira Guerra Mundial, o futebol foi jogado em Israel. Alguns fatos interessantes são apontados como por exemplo alguns laços criados entre o Maccabi Tel Aviv e os soldados turcos, onde o clube teria instruído os soldados turcos e até mesmo disputado jogos contra eles. A cooperação terminou quando a opressão otomana aumentou sobre os assentamentos judaicos e as atividades esportivas foram interrompidas. (GALILY; KAUFMAN, 2008)

Quando a Grã-Bretanha conquistou a parte sul de Israel em 1917 e mais tarde quando foi autorizado pela Liga das Nações Unidas de ser instalado um lar nacional para os judeus, existia um sentimento da colonização judaica de criar uma nova cultura hebraica, sem influências da cultura britânica. Não se tornou populares jogos como o cricket e hóquei, mas a única exceção foi o futebol. (GALILY; KAUFMAN, 2008)

“A combinação da popularidade do futebol e da influência britânica resultou no estabelecimento de muitos times judeus e árabes em Israel.” (GALILY; KAUFMAN, 2008, pg. 83, tradução minha).⁶

Dos grandes times existentes até hoje em Israel como o Maccabi como foi citado à cima, podemos falar do Hapoel Tel Aviv, que é clube totalmente de esquerda. Essa segunda categoria de clubes de futebol em Israel, “Hapoel”, foi estabelecido por uma grande influência dos movimentos trabalhistas de Israel (GALILY; KAUFMAN, 2008). O nome do clube “Hapoel” que em sua tradução significa “O Trabalhador”, foi combinado com um brasão desenhado uma foice e um martelo, além da cor vermelha, representando o viés socialista e da classe trabalhadora. Os aspectos foram mantidos até o dia de hoje, pois suas torcida “Ultras Hapoel”⁷ leva à arquibancada bandeiras com o rosto de Karl Marx, Che Guevara, além de ter uma militância a favor da Palestina e antissionista, o clube sempre aceitou jogadores árabes em seu elenco, contrário a outros clubes que serão citados em seguida.

⁵ <http://gymnasia.me/> Acessado em: 05 de Setembro de 2016.

⁶ The combination of football’s popularity and the British influence resulted in the establishment of many Jewish and Arab teams in Eretz Israel. (GALILY; KAUFMAN, 2008, pg. 83)

⁷ <http://www.ultrashapoel.com/lenglish/> Acessado em: 06 de Setembro de 2016.

Outro clube pertencente à categoria “Hapoel” que é interessante citar é o Hapoel Jerusalem FC, fundado em 1926. O Hapoel Jerusalem assim como o Hapoel Tel Aviv, são clubes de identidade dos trabalhadores e apoiados pelos movimentos trabalhistas de Israel. O Hapoel de Jerusalem é rival do Beitar Jerusalem, clube de orientação dos partidos de – extrema ou não – direita de Israel.

Em 2006-07, a equipe caiu a segunda vez para a Terceira Liga o que deixou muitos torcedores infelizes com a gestão do clube. Os torcedores decidiram criar uma empresa para comprar o clube. O plano não se tornou possível, então, a torcida decidiu criar uma equipe alternativa. A sua torcida manteve a questão ideológica de esquerda e prega de uma maneira mais intensa a união entre judeus, árabes, cristãos além da luta contra o machismo no futebol.⁸

9 10

Outro time importante para ser citado é o Bnei Sakhnin. “A história e simbolismo do Bnei Sakhnin é diametralmente oposto ao Beitar Jerusalem. Ele foi um fundado em um sentido de coexistência: a maioria dos jogadores palestinos com alguns judeus e alguns estrangeiros. “Bnei Sakhnin é a prova viva de que judeus e árabes podem viver juntos”(…).” (DORSEY, 2016, pg. 153, tradução minha).¹¹ O ápice de sua existência foi a conquista da “Israel State Cup” em 2004: “Bnei Sakhnin tornou-se o primeiro clube palestino a ganhar um campeonato israelense no mesmo dia no ano de 2004 em que as tropas israelenses lançaram uma campanha militar de cinco dias para impedir o contrabando de foguetes e outras armas para a Faixa de Gaza”. (DORSEY, 2016, pg. 155).¹²

Com a conquista do título inédito, o Bnei se torna o primeiro clube palestino campeão da Copa de Israel, sendo realizado até um documentário em sua homenagem chamado de: “After the Cup: Sons of Sakhnin United”, de 2009, dirigido por Christopher Browne.¹³

Em contraponto a toda essa militância dos clubes mais simbólicos considerados de uma orientação “left-wing”, o Beitar Jerusalem é totalmente o oposto. É o clube mais

⁸ http://www.nytimes.com/2014/04/27/sports/soccer/after-breakup-clubs-in-israel-may-remarry.html?emc=edit_tnt_20140427&nid=64307558&tntemail0=y&r=2 Acessado em: 08 de Setembro de 2016.

⁹ <http://www.katamon.co.il/> Acessado em: 08 de Setembro de 2016.

¹⁰ <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/02/25/time-dirigido-por-torcida-une-judeus-e-arabes-atrai-mulheres-e-prega-a-paz.htm> Acessado em: 08 de Setembro de 2016.

¹¹ “Bnei Sakhnin's history and symbolism is diametrically opposed to that of Beitar. It was founded as a model of coexistence: a majority of Israeli Palestinian players, some Jews and some foreigners. "Bnei Sakhnin is living proof that Jews and Arabs can live together" (...)" (DORSEY, 2016, pg. 153).

¹² “Bnei Sakhnin became the first Palestinian club to win an Israeli championship on the same day in 2004 that Israeli troops launched a five-day military campaign to stop the smuggling of rockets and other weapons into the Gaza Strip.” (DORSEY, 2016, pg. 155)

¹³ <http://www.imdb.com/title/tt1616504/> Acessado em: 10 de Setembro de 2016.

conservador de Israel, onde a própria torcida organizada a “La Família” se considera a torcida mais racista do mundo com orgulho.¹⁴

Aponta Dorsey, (2016, pg. 161, tradução minha):

O dilema do Beitar foi agravado pelo fato de que a direção do clube e seus fãs mais moderados se recusaram a enfrentar militantes entre os apoiantes que estavam agrupados no “La Familia” -nomeado em homenagem à máfia italiana. Muitos dos membros de La Familia também eram partidários de Kach, o partido violento e racista ilegalizado chefiado pelo rabino assassinado Meir Kahane.¹⁵

A forte identidade sectária do Beitar Jerusalem é tão forte, que o clube anunciou três anos atrás que os jogos aos Sábados não seriam mais disputados, pois o clube decidiu guardar o Shabbat ¹⁶(nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo simbolizando o sétimo dia, após os seis dias de Criação). “Esse espírito ganha vida quando os fãs do Beitar, o único clube israelense que nunca contratou um jogador palestino, encontram os rivais palestinos de sua equipe. Seu apoio durante as partidas alcança um momento eufórico cantando suas canções racistas, anti-árabes e ofendendo o Profeta Mohammed”. (DORSEY, 2016, pg. 150, tradução minha).¹⁷

Um dos maiores acontecimentos na história do futebol do Beitar Jerusalem foi a contratação de jogadores Chechenos e Muçulmanos, Zaur Sadayev and Gabriel Kadiev, em 2013.¹⁸ A reação da sua torcida organizada – La Familia – foi brutal. A torcida fez campana nos treinos do time cantando músicas de ofensas aos muçulmanos, árabes e ao técnico e presidente do clube, totalmente indignados com tal ato tomado por eles, pois o clube foi “sempre puro, livre de muçulmanos”. (DORSEY, 2016).

O treinador do Beitar Jerusalem, Eli Cohen, “deu uma entrevista defendendo a contratação dos jogadores chechenos muçulmanos: Não entendo os fãs que não querem ver um jogador muçulmano no Beitar. Há um bilhão de muçulmanos no mundo e devemos aprender a viver com eles”. (DORSEY, 2016, pg. 167, tradução minha).¹⁹

¹⁴ <https://www.theguardian.com/news/video/2015/nov/24/beitar-jerusalem-most-racist-football-team-israel-video> Acessado em 05 de Março de 2016.

¹⁵ “Beitar's dilemma was compounded by the fact that the club's management and its more moderate fans refused to confront militants among the supporters who were grouped in La Familia, named in honour of the Italian mafia. Many of La Familia's members were also supporters of Kach, the outlawed violent and racist party headed by assassinated Rabbi Meir Kahane.” (DORSEY, 2016, pg. 161).

¹⁶ <http://www.timesofisrael.com/beitar-jerusalem-to-start-keeping-shabbat/> Acessado em 12 de Setembro de 2016.

¹⁷ “That spirit comes to life when fans of Beitar, the only Israeli club to have never hired a Palestinian player, meets their team's Palestinian rivals. Their support during matches reaches fever pitch as they chat racist, anti-Arab songs and denounce the Prophet Mohammed.” (DORSEY, 2016, pg. 150).

¹⁸ <http://www.timesofisrael.com/beitar-jerusalem-signs-chechen-players/> Acessado em 22 de Setembro de 2016.

¹⁹ “Beitar coach Eli Cohen perverted Ben Gurion's principle when he attempted to defend the acquisition of the Chechens by saying: "I don't understand the fans who don't want to see a Muslim player in Beitar. There are a billion Muslims in the world and we must learn how to live with them." (DORSEY, 2016, pg. 160).

O principal confronto do Beitar Jerusalem com certeza é contra o Bnei Sakhnin. “Bnei Sakhnin abraçou a integração de palestinos em Israel como Palestinos, mas não impediu seus fãs de manifestações de sua identidade violentas e de repulsas ao Beitar, o fanático defensor de políticas governamentais discriminatórias”. (DORSEY, 2016, pg. 157, tradução minha).²⁰

O conflito entre Árabes e Judeus realmente foi exportado ao futebol. Conforme diz Dorsey, (2016, pg. 159, tradução minha):

Clubes palestinos israelenses como Bnei Sakhnin ou Hapoel Taibe, a primeira equipe palestina a jogar na primeira divisão de Israel, inicialmente tentaram minimizar sua identidade nacional em favor de sua carreira profissional. Foi uma estratégia que funcionou por um tempo. Mas isso mudou com as provocações dos fãs radicais de clubes judaicos israelenses como Beitar Jerusalem e Bnei-Yehud Tel Aviv, a fusão de um movimento nacional palestino e o fato de que os palestinos israelenses estavam se tornando cada vez mais urbanos e proletários. As confrontações entre torcedores de times Judeus e Palestinos (...) são “belicosas, vociferantes e horríveis e eventualmente transformadas a nível nacional – judeus contra árabes”.²¹

5. Considerações Finais

Como no livro “Como o Futebol Explica o Mundo”, Franklin Foer expõe que os clubes de futebol espelham classes sociais e ideologias políticas, e frequentemente inspiram uma devoção mais intensa que as religiões. Quando é exposta a questão Árabe-Israelense, introduzindo os conflitos daquela região, os atritos políticos, religiosos, étnicos e econômicos é possível perceber que o futebol da região é um fruto desses confrontos como por exemplo os clubes Beitar Jerusalém e o Bnei Sakhnin. A torcida do “La Família” e o próprio clube Beitar Jerusalem é militante forte da ideologia anti-palestina. O Bnei Sakhnin se declara totalmente pró-palestina. Outros clubes e torcidas com uma característica “left wing” como Hapoel Tel Aviv e Hapoel Katamon pregam a união entre judeus, muçulmanos e cristãos.

²⁰ “Bnei Sakhnin's embrace of integration of Palestinians into Israel as Palestinians did not stop its fans from violent assertions of their identity and revulsion at Beitar, the bigoted defender of discriminatory government policies.” (DORSEY, 2016, pg. 157).

²¹ “Israeli Palestinian clubs like Bnei Sakhnin or Hapoel Taibe, the first Palestinian team to play in Israel's premier league, initially sought to downplay their national identity in favour of their professional one. It was a strategy that worked for a while. But that changed with provocations by hardline fans of Israeli Jewish clubs like Beitar Jerusalem and Bnei-Yehud Tel Aviv, the emergence of a Palestinian national movement and the fact that Israeli Palestinians were becoming increasingly urban and proletarian. Confrontations between supporters of Jewish and Palestinian teams(...) were “bellicose, vociferous and ugly, and eventually turned at the national level - Jews against Arabs”. (DORSEY, 2016, pg. 159).

Bibliografia

- ABRÃO, Janete. **O Nacionalismo Catalão e a crítica à dicotomia existente entre política e cultura**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- CHAGAS, Rodolfo Pereira das. **Catalunha: Uma Nação Sem Estado**. Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território, 2014. Rio de Janeiro. Porto Alegre: Editora Letra1; Rio de Janeiro: REBRAGEO, 2014, p. 752-760.
- CHEMERIS, Henry Guenis Santos. **Os principais motivos que geraram os conflitos entre israelenses e árabes na Palestina(1897-1948)**. 75f.
- DORSEY, James. **The Turbulent World of Middle East Soccer**. New York: Oxford, 2014.
- FREIXO, Adriano. **Futebol – O Outro Lado do Jogo**. São Paulo: Desatino, 2014.
- FOER, Franklin. **Como o Futebol Explica o Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GALILY, Yair; KAUFMAN, Haim. **The early development of Hebrew football in Eretz Israel, 1910–1928**. Soccer & Society: Vol. 9, No. 1, January 2008, 81–95
- GARCIA, Tsavkko Raphael. **Nacionalismo Basco e Redes Telemáticas**. 2012. 141f. Dissertação (Mestrado em Comunicação)-Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2012.
- JÚNIOR, Hilário Franco. **A Dança dos Deuses – Futebol, Sociedade e Cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LISSOVSKY, A. **2000 anos depois: o renascimento de Israel [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.
- MAGNOLI, Demétrio. **História da Paz**. São Paulo: Contexto, 2008.
- OLIVEIRA, Wellington Moisés de. **Terrorismo e participação política: uma análise do grupo IRA após o abandono da violência na busca do poder**. Poliarquia – Revista de Estudos Políticos e Sociais do Centro Universitário Unieuro, Brasília, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010, pp. 77-95.

SCALERCIO, Márcio. **Oriente Médio – Uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SEIXAS, M. Núñez Xosé. **Os nacionalismos na Espanha contemporânea: uma perspectiva histórica e algumas hipóteses para o presente**. *Análise Social*, vol. xxx (131-132), 1995 (2.º-3.º), 489-526

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2016/02/25/time-dirigido-por-torcida-une-judeus-e-arabes-atrai-mulheres-e-prega-a-paz.htm> Acessado em: 08 de Setembro de 2016.

<http://gymnasia.me/> Acessado em: 05 de Setembro de 2016.

<http://www.katamon.co.il/> Acessado em: 08 de Setembro de 2016.

<http://www.imdb.com/title/tt1616504/> Acessado em: 10 de Setembro de 2016.

http://www.nytimes.com/2014/04/27/sports/soccer/after-breakup-clubs-in-israel-may-remarry.html?emc=edit_tnt_20140427&nid=64307558&tntemail0=y&r=2 Acessado em: 08 de Setembro de 2016.

<https://www.theguardian.com/news/video/2015/nov/24/beitar-jerusalem-most-racist-football-team-israel-video> Acessado em 05 de Março de 2016.

<http://www.timesofisrael.com/beitar-jerusalem-signs-chechen-players/> Acessado em 22 de Setembro de 2016.

<http://www.timesofisrael.com/beitar-jerusalem-to-start-keeping-shabbat/> Acessado em 12 de Setembro de 2016.

<http://www.ultrashapoel.com/lenglish/> Acessado em: 06 de Setembro de 2016.

Bibliografia

BORGES, Leonardo E. Coleção para entender: **O direito internacional humanitário** – Belo Horizonte: Dey Rey, 2006.

BYERS, Michael. **A Lei da guerra** – Rio de Janeiro: Record, 2007.

CEDIN, **Rússia retira sua assinatura do Estatuto de Roma do TPI**. Disponível em: <http://www.cedin.com.br/russia-retira-a-sua-assinatura-do-estatuto-do-roma-do-tpi/>. Acessado em: 18 de novembro de 2016.

DA COSTA, Priscila B. **A GUERRA AO TERROR E A PRIVATIZAÇÃO DA FORÇA: uma primeira análise do uso de companhias militares privadas nas intervenções estadunidenses no pós-onze de setembro**. Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, v. 4, n. 1 p. 171 – 185, jan/jun. 2012. Disponível em: <http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012171>. Acessado em: 02 de novembro de 2016.